

## SUPORTES DE GÊNEROS TEXTUAIS ANTES DA INVENÇÃO DA IMPRENSA: UMA ANÁLISE DO LIVRO\*

Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra  
UPE\Faceteg

### RESUMO:

O suporte é um dos componentes da realização social dos gêneros textuais que raramente tem sido focado na pesquisa em lingüística, apesar de sua relevância na construção dos sentidos dos gêneros. Neste trabalho, assume-se que a investigação sobre o suporte, incluindo uma perspectiva histórica de sua formação, é de grande relevância para a análise de gêneros textuais, uma vez que estes não se mostram indiferentes ao suporte em que se apresentam ao público leitor. Com o estudo do livro em suas diversas apresentações materiais ao longo do tempo, procura-se contribuir para uma compreensão mais clara do *locus* físico em que diversos gêneros se agregam realizando um conjunto de estratégias sócio-retóricas no interior das práticas sociais relacionadas com a apresentação e promoção de obras acadêmicas através do livro. O estudo mostra que a história do livro, incluindo a história dos seus suportes, esteve ligada a importantes implicações cognitivas na produção e uso dos gêneros textuais.

PALAVRAS-CHAVE: suporte; gêneros textuais; livro.

### ABSTRACT:

The support is one of the components in the social accomplishment of text genres which has seldom been focused in research in linguistic field, despite of its relevance in the construction of genre's meaning. In this work, it is assumed that the inquiry on the support, including a historical perspective of its formation, is of great relevance for the analysis of text genres, considering that genres are not indifferent to the support by which they show themselves to the reader. By studying the book in its diverse material presentations throughout the time, we try to contribute for a clearer understanding of the material locus where diverse genres aggregate themselves, carrying through a set of socio-rhetorical strategies in the interior of social practices related to the presentation and promotion of academic works through the book. The study shows that the history of the book, including the history of its supports, was connected to important cognitive implications in the production and use of the text genres.

KEY-WORDS: support; text genres; book.

### CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Até muito recentemente, a pesquisa sobre gêneros textuais tinha muito pouco a dizer a respeito das complexas relações entre os gêneros e seus suportes. Conforme investiguei em Bezerra (2007), um processo muito comum de

---

\* Este trabalho foi inicialmente apresentado no Encontro Internacional de Texto e Cultura (Fortaleza, 2008), promovido pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

nomeação dos gêneros se baseia na sobreposição ou confusão deste com o respectivo suporte. Esse tipo de procedimento foi abundantemente exemplificado por Marcuschi (2003), contribuindo para o esclarecimento da questão. Nesse sentido, também a minha pesquisa apresentada como tese de doutoramento (BEZERRA, 2006) apresenta uma análise de gêneros fortemente apoiada na distinção entre gênero e suporte, direcionada, neste caso, para a relação entre o livro acadêmico e os gêneros que a ele se agregam.

Neste trabalho, retomo a discussão sobre a relação gênero-suporte, tomando ainda o livro como objeto de análise e entendendo que a relevância dessa investigação não se limita à possível contribuição para o conhecimento mais profundo dos gêneros textuais, mas se estende a uma compreensão mais clara das implicações sócio-cognitivas embutidas nas mudanças históricas e materiais por que passaram o livro e os gêneros que nele se “fixam”, no dizer de Marcuschi (2003).

O estudo aqui apresentado segue três linhas principais. Primeiro, apresento brevemente o essencial da discussão sobre a relação gênero-suporte; em segundo lugar, resumo o percurso histórico seguido pelo livro entendido como suporte de gêneros; em terceiro lugar, apresento uns poucos exemplos das “introduções” (BHATIA, 2004) vinculadas a livros que datam desde a Antiguidade mais remota (*Epopéia de Gilgamesh*) até a era medieval, um pouco antes da invenção da imprensa (*Legenda Maior*, de São Boaventura). O propósito da última parte é duplo: por um lado, ilustrar que o livro freqüentemente não é veículo de um só gênero; por outro, mostrar de que modo se fazia a apresentação e promoção de uma obra filosófica, teológica ou literária desde os tempos mais remotos.

## 1. RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E SUPORTE

Fraenkel (2004) constata que, em estreita relação com a área de história, desenvolveram-se disciplinas inteiramente voltadas para o estudo do suporte (epigrafia, papirologia, codicologia e paleografia, por exemplo). No entanto, as ciências da linguagem, paradoxalmente, têm ignorado quase por completo o papel do suporte na comunicação escrita. Recentemente, alguns estudos na área de lingüística têm sido dedicados ao tema, entre os quais citamos o já referido ensaio

de Marcuschi (2003), no qual o autor apresenta uma série de proposições teóricas e mesmo taxionômicas que se oferecem como discussão inicial do complexo tema, além do trabalho desenvolvido por mim numa comparação entre livro acadêmico e livro didático (BEZERRA, 2003).

Para Marcuschi, a noção de suporte relaciona-se com a idéia de um “portador do texto”, entendido como “um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (2003, p. 11). Na minha compreensão, o suporte se apresenta como um *algo*, superfície ou objeto, físico ou virtual, que permite a manifestação concreta e visível do texto/gênero. O gênero pode ser distinguido de seu suporte, na maioria das vezes, através da consideração de que o texto em si não é um *objeto*. Assim, por exemplo, o *outdoor* é um objeto concreto, portanto, um suporte. O gênero, ou seja, o conteúdo suportado pelo *outdoor*, não é um *objeto*, mas um texto. É evidente que essa definição de suporte aplica-se preferencialmente aos suportes de gêneros da escrita convencional, tornando-se problemática no caso de gêneros da oralidade ou gêneros digitais.

De toda forma, a complexa relação entre os gêneros e seus suportes não pode ser minimizada nem concebida de forma hierarquizante. Em certos casos, o suporte pode assumir uma posição de surpreendente centralidade. Nesse sentido, Christin aponta o caso de duas tabuinhas da antiga civilização de Mari, datadas de cerca de 2.600 a.C., em que o suporte é simplesmente armazenado (enterrado nas fundações do templo em construção) sem qualquer inscrição em sua superfície, parecendo indicar que um texto eventualmente escrito por mãos humanas seria “infinitamente menos precioso aos olhos das divindades que o suporte sobre o qual deveria ser gravado” (CHRISTIN, 2004, p. 290).

De modo semelhante, Chartier afirma que as escritas monumentais, muitas vezes de leitura impossível, quer pela altura ou posicionamento no suporte (edifícios, túmulos, estelas), quer pela língua utilizada (por exemplo, inscrições em latim para populações de transeuntes que não mais compreendiam a língua “clássica”), tinham como propósito central “manifestar a autoridade de um poder, senhor do espaço gráfico, o poder de uma família ou de um indivíduo

suficientemente rico e poderoso para mandar gravar seu nome na pedra ou no mármore” (2002, p. 80). Também nesse caso o suporte por si só evoca a soberania e a glória daqueles que podem utilizá-lo. Aqui, portanto, o suporte importa mais do que o gênero em questão.

Hoje, o suporte continua exercendo um papel relevante, podendo variar desde o ponto de vista propriamente lingüístico, em que “os suportes participam da construção do sentido das mensagens escritas”, até o aspecto sócio-cognitivo, no qual “a diversidade dos suportes corresponde aos usos complementares e simultâneos” no contexto das interações orais e escritas no meio social. Para Fraenkel, os suportes chegam a se configurar como “artefatos cognitivos” que, no interior das relações sociais, podem ser “acessados por todos, abertos, ou reservados a quaisquer pessoas” (2004, p. 462).

Conforme compreende Maingueneau (2001), a relação entre gênero e suporte deve ser encarada com muita seriedade, já que hoje se torna cada vez mais necessário perceber e reconhecer que uma modificação no suporte material de um texto é capaz de modificar radicalmente o próprio gênero textual. Dessa forma, conclui Maingueneau: “O que chamamos ‘texto’ não é, então, um conteúdo a ser transmitido por este ou aquele veículo, pois o texto é inseparável do modo de existência material: modo de *suporte/transporte* e de *estocagem*, logo, de *memorização*” (2001, p. 68).

Dada a sua relação com um suporte material, os textos impressos em particular se apresentam com a característica de ocupar um espaço concreto e determinado. Esse aspecto espacial se configura de maneira própria, por exemplo, no livro como suporte material de gêneros diversos. Essa configuração espacial possibilitará a associação entre o gênero principal apresentado pelo livro e outros gêneros que se agrupam em torno dele, acrescidos como *paratexto*, para usar a terminologia proposta por Maingueneau (2001).

Dessa forma, os elementos paratextuais podem ser entendidos como um “conjunto de fragmentos verbais que acompanham o texto propriamente dito” (MAINGUENEAU, 2001, p. 81). Esses “fragmentos”, entretanto, variam desde a

simples assinatura, título, data ou notas de rodapé até textos mais complexos, de extensão variável, tais como os prefácios, prólogos e apresentações.

Na ótica de Chartier (2002), a história da cultura escrita claramente estabelece uma forte vinculação entre “tipos de objetos” (suportes), “categorias de texto” (gêneros) e formas de leitura. Essas últimas são evidentemente afetadas e até determinadas pelas relações estabelecidas entre os dois primeiros elementos. Conforme Chartier (2002), essa “ordem dos discursos” somente chegaria a se transformar radicalmente com o advento da textualidade eletrônica, uma vez que o computador permite agrupar em um mesmo suporte e numa mesma forma de leitura gêneros completamente diferentes.<sup>1</sup> Entretanto, no âmbito da cultura escrita e impressa, não-eletrônica, a relação entre suporte e gênero mantém uma indiscutível importância.

Também para Kress e Jewitt (2003), os materiais que cada cultura providencia para servirem como suportes para a produção de sentido adquirem uma significativa relevância, sendo inclusive avaliados a partir de qualidades inerentes tais como solidez, raridade e tridimensionalidade, entre outras. Essas qualidades são selecionadas pelas pessoas no interior de uma determinada cultura para a construção de sentidos. Com o tempo, certos tipos de material se impõem pelo uso regular e passam a compor o efeito de sentido global do texto (escrito, especialmente). Kress e Jewitt concluem que “a materialidade sempre se mantém como um potente fator de significação” (2003, p. 14).

Assim, seja qual for o modo como se encara o suporte e sua relação com a constituição e apresentação dos gêneros, de toda forma uma teoria compreensiva não poderia simplesmente continuar negligenciando a questão. Trata-se de não mais encarar de forma dicotômica a história e a constituição de gêneros e respectivos suportes, como se os últimos fossem “entidades cujas diferentes formas não alteram a estabilidade lingüística e semântica”, uma vez que “contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura,

---

<sup>1</sup> Ou seja, no suporte eletrônico, “cria-se assim uma continuidade que não mais diferencia os diversos discursos a partir de sua própria materialidade” (CHARTIER, 2002, p. 23).

sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados” (CHARTIER, 2002, p. 62).

## **2. CONSTRUÇÃO DE UM SUPORTE: PERCURSO HISTÓRICO DO LIVRO**

Até antes da invenção da imprensa de tipos móveis em meados do século XV, a produção de livros se fazia através de um laborioso processo de cópia manual. Começando pelo material de escrita utilizado, e incluindo a forma, bem como certos procedimentos adotados pelos antigos escribas, a feitura dos livros antigos diferia em larga escala do que se costuma praticar a partir do advento da era moderna.

As mudanças ocorridas na forma do livro têm implicações importantes sobre a própria concepção de texto escrito ou, em outras palavras, sobre a relação intrínseca entre suporte e gênero. De acordo com Morrison:

*O texto escrito completo, longe de ser um fenômeno exclusivamente lingüístico, cuja primazia se julga repousar em um grau superior de especialização semântica, na verdade evoluiu ao longo das mudanças específicas na estrutura geral da forma do livro iniciadas no século V d.C. (1995, p. 144).*

Como vemos, também Morrison (1995) considera que a mudança na forma dos livros não só afetou a maneira como os textos eram organizados, mas também provocou alterações de ordem cognitiva na estrutura textual. Assim, é razoável conjecturar que o estudo das condições de produção de livros desde a antiguidade até a era moderna e contemporânea seja capaz de lançar luzes sobre a questão bastante atual da relação entre os gêneros e seus suportes.

### **2.1. O SUPORTE MATERIAL DA ESCRITA**

O mundo antigo utilizou, para a escrita, materiais como tábuas de argila, pedra, osso, madeira, couro, metal, cerâmica (fragmentos chamados de *ostraca*), papiro e pergaminho. Dentre esses materiais, os mais eficazes para a produção de documentos manuseáveis e transportáveis até o leitor/ouvinte foram, num primeiro momento, as tabuinhas de argila, depois o papiro e finalmente o pergaminho.

As tábuas de argila eram preparadas para a escrita (cuneiforme) em um tamanho que podia ser segurado por uma das mãos enquanto com a outra se escrevia, usando uma espécie de estilete. As tábuas prontas podiam secar ao sol,

fixando a inscrição, ou ser levadas ao fogo, tornando mais resistente a conservação da escrita registrada. Milhares de tábuas inteiras e fragmentárias são conhecidas atualmente, recuperando o registro de muitos aspectos da vida de civilizações antigas. Um importante documento preservado nesse formato foi a *Epopéia de Gilgamesh*, sobre a qual falarei adiante.

A cultura do papiro floresceu no Egito antigo, uma vez que essa planta crescia abundantemente junto às águas do delta do Nilo. Da haste do papiro, produzia-se por superposição das tiras em camadas no sentido inverso um material muito apreciado para a escrita. As peças manufaturadas podiam ser coladas a outras para formar rolos que chegavam a vários metros de comprimento. Conforme Gabel e Wheeler (1993), sobre essas peças se escrevia com um pincel de junco cuja extremidade era preparada para se tornar fibrosa. A tinta preta era feita de fuligem de carbono e, mais tarde, de galhos de carvalho ou sulfato ferroso; a tinta vermelha era fabricada com óxido de ferro.

A escrita em pergaminho tem uma história mais recente. O termo grego *περγαμηνή* (pergaminho) deriva-se, ao que parece, do nome da cidade de Pérgamo, que se notabilizou por produzir pergaminhos de alta qualidade, eventualmente chegando a nomear o produto a partir de sua procedência. No final da idade média, o pergaminho seria suplantado pela invenção e introdução do papel, oriundo da China e feito de algodão ou linho.

## 2.2. A CONFIGURAÇÃO FORMAL DO SUPORTE

No mundo greco-romano, as obras literárias usualmente eram publicadas na forma de rolos de papiro ou pergaminho. Para formar o rolo, folhas eram coladas lado a lado no sentido horizontal, formando uma longa tira presa a um bastão, em torno do qual ela era enrolada, gerando um *volumen*. Segundo Metzger (1968a), o rolo literário grego raramente ultrapassava os dez metros de comprimento, uma vez que o tamanho excessivo dificultava o manuseio para a leitura. Obras de grande extensão eram geralmente divididas em vários “livros”, cada um deles ocupando um rolo específico. O texto era disposto em colunas de cinco a oito centímetros de largura, no sentido paralelo ao bastão que segurava o

rolo. A altura das colunas correspondia aproximadamente à altura das folhas do respectivo manuscrito.

Em fins do primeiro século da era cristã, ou meados do segundo, surge uma nova forma de livro: o códice. Semelhante aos livros que conhecemos na atualidade, o códice consistia na encadernação de folhas dobradas ao meio e costuradas uma sobreposta à outra. Grupos sucessivos de quatro folhas dobradas ao meio formavam pequenos cadernos com folhas pares e ímpares que eram em seguida costurados uns aos outros, transformando-se em um livro de tamanho variável. Uma vantagem adicional do novo formato era a possibilidade de se escrever na frente e no verso da folha (a chamada escrita opistográfica), com a conseqüente redução no custo de produção.

O códice apresentaria claras vantagens sobre o rolo, cuja leitura, como também atesta Chartier, “era uma leitura contínua, que mobilizava o corpo inteiro, que não permitia ao leitor escrever enquanto lia”, ao passo que o códice, manuscrito ou impresso, “permitiu gestos inéditos (folhear o livro, citar trechos com precisão, estabelecer índices) e favoreceu uma leitura fragmentada, mas que sempre percebia a totalidade da obra, identificada por sua materialidade” (2002, p. 30).<sup>2</sup>

### 2.3. O TRABALHO MANUAL DOS ANTIGOS ESCRIBAS

Ao escrever em papiro, o escriba costumava utilizar as fibras horizontais da folha como guia para a escrita. Antes de escrever em pergaminho, no entanto, era necessário traçar linhas horizontais, bem como duas ou três linhas verticais, marcando dessa forma também os limites para as margens das colunas de texto. As folhas de pergaminho eram dobradas, no códice, de forma que em qualquer ponto que o leitor abrisse o livro as páginas de um lado e de outro representassem ambas ou o lado de fora ou o lado de dentro do couro.

Os estilos em uso na antiguidade greco-romana eram a escrita *cursiva*, de traço mais rápido, utilizada em documentos não-literários, do dia-a-dia, tais como cartas, recibos, contratos e testamentos, e a escrita *uncial*, uma espécie de letra

---

<sup>2</sup> Ou, como muitos diriam hoje, permitiu uma leitura “hipertextual”, “não-linear”. Pensando em termos de *continuum*, e não de dicotomia, a leitura do rolo era mais “linear” do que a leitura do códice, por implicação do próprio suporte.



de imprensa usada em textos literários, mais formalmente elaborados. Ao contrário da cursiva, a escrita uncial exigia que as letras fossem escritas mais cuidadosamente, uma separada da outra. A partir do nono século da era cristã, uma forma modificada da escrita cursiva, chamada de *minúscula*, começou a ser utilizada na produção de livros, de forma que a escrita uncial foi sendo gradualmente abandonada. O uso de minúsculas possibilitou a economia de tempo e de material para a produção de livros, resultando em volumes menores, mais fáceis de manusear. A mudança conseqüentemente ocasionou certa popularização da propriedade e uso de livros, já que eles se tornaram mais baratos.

Diante de eventuais dificuldades em obter pergaminhos novos para a escrita, costumava-se também reutilizar manuscritos contendo antigos documentos em relação aos quais não houvesse mais um grande interesse. Neste caso, a escrita antiga era raspada, de modo que a superfície do pergaminho pudesse receber o novo material literário. Os manuscritos assim reutilizados são chamados de *palimpsestos* (“raspados de novo”). A leitura do texto que foi raspado, cujas marcas permanecem por trás do texto novo, foi inicialmente feita pelos críticos textuais através de recursos como reagentes químicos e lâmpadas ultravioletas.

A escrita antiga era feita de modo que as letras pendiam das linhas, ao invés de serem traçadas sobre elas. O padrão era contínuo (*scriptio continua*), usualmente sem separação entre palavras ou enunciados e, até cerca do século oitavo, quase sem nenhum sinal de pontuação. A leitura do texto assim produzido, mesmo quando feita por um leitor solitário, parece ter sido feita sempre em voz alta. Na verdade, a leitura em voz alta realmente se caracterizou como o padrão da antiguidade, num contexto de elevada valorização da oralidade, por um lado, e de baixíssimos índices de letramento, por outro. A leitura silenciosa, desvinculada da oralidade, segundo Clément (2004), é documentada pela primeira vez somente em Ambrósio de Milão no final do século IV d.C.

Aliás, é curioso também observar que a própria forma do livro antigo (vale dizer, a configuração física do suporte) reflete uma determinada relação entre

oralidade e escrita: o rolo ou *volumen* estabelece, na leitura, uma conexão íntima entre o ato de desenrolar e a linearidade da fala; o códice (*codex*), por sua vez, permitirá a indexação, a paginação e a livre movimentação por diferentes lugares no texto. Por essa razão, para autores como Morrison (1995), essa passagem do rolo ao códice tem importância fundamental na história do livro e da própria cognição humana.

Livros eram produzidos comercialmente em estabelecimentos chamados *scriptoria*, através do uso do ditado. Vários escribas profissionalmente treinados, equipados com material de escrita, sentavam lado a lado e reproduziam o que era ditado por um leitor especializado. Dessa forma, era possível se produzir simultaneamente diversas cópias, mas os erros aconteciam com frequência. Para garantir uma maior exatidão, os *scriptoria* contavam com o trabalho de um revisor (*διορθωτης*), cujas anotações à margem do texto ainda podem ser vistas em muitos manuscritos hoje.

Mais tarde, no período bizantino, a cópia de livros passou a ser realizada por monges, trabalhando isoladamente, sem a pressa dos escritórios comerciais e sem a presença de um leitor. Esse trabalho lento, muitas vezes realizado na solidão de celas individuais, era também uma atividade árdua, até pela postura física que o escriba tinha que adotar. Conforme Metzger (1968b), até certa altura da idade média os escribas não usavam escrivaninhas para trabalhar, mas se assentavam em pequenos bancos, apoiando o pergaminho nos joelhos e usando ambas as mãos, uma para segurar o documento e a outra para escrever. Ao fazer pequenas anotações, o escriba usualmente trabalhava de pé.

A natureza árdua do trabalho de produção de livros manuscritos reflete-se nas notas (colofões) que os escribas costumavam apor no encerramento de suas obras, às vezes agradecendo a Deus por terminarem o trabalho, outras vezes lamentando-se do cansaço ou simplesmente expressando o alívio pelo fim da tarefa. O colofão pode ainda consistir na identificação do copista, ou na informação do lugar e data da escrita, o que vem a ser de grande valor para os estudiosos de textos antigos.

#### 2.4. GÊNEROS INTRODUTÓRIOS EM MANUSCRITOS MEDIEVAIS

Nos textos mais antigos, inclusive da literatura grega clássica, inexistem recursos de segmentação textual como o parágrafo ou a página, por exemplo. Para Morrison, a escrita grega ainda não se transformara em texto, uma vez que, de acordo com seus critérios, “o texto só começou a existir quando a página – e não a frase ou a declaração – tornou-se a unidade predominante de sua organização” (1995, p. 146).

É um fato conhecido que os antigos papiros gregos, desde o século V a.C. aos primeiros séculos da era cristã, traziam textos em escrita contínua, conforme mencionamos acima, sem qualquer separação entre palavras e frases, sem distinção de letras maiúsculas e minúsculas, marcas de parágrafo, divisão em capítulos ou pontuação. Assim, avalia Morrison, os textos gregos mais antigos eram construídos “sem qualquer auxílio ao leitor” (1995, p. 149).

No entanto, já por volta do século V da era cristã, o predomínio do códice, com o conseqüente abandono do rolo, se faria acompanhar de métodos inovadores de estruturação e organização textual. Muitos manuscritos de livros do Novo Testamento apresentam certos recursos para a melhor compreensão do leitor, originados em diferentes épocas e lugares e que ilustram bem como os livros passaram a ser organizados nos séculos que antecederam a invenção da imprensa. A seguir, destaco especialmente as inovações que se enquadram no conceito de gênero introdutório, ou seja, aquelas que se prestam a apresentar ao leitor o livro e/ou seu autor.

#### **2.4.1. Títulos de capítulos (τιτλοι)**

Cada capítulo (que em si já era uma inovação) encontrado no códice Alexandrino, do quinto século da era cristã, e em manuscritos posteriores, é dotado de um título que descreve sumariamente o conteúdo da seção. Tais títulos são apostos na margem dos manuscritos, começando com a expressão “sobre” ou “a respeito de” e sendo, com freqüência, escritos com tinta vermelha. Assim, por exemplo, um dos capítulos do evangelho de João tem o título περι του εν Κανα γαμου (“sobre o casamento em Caná”). O conjunto dos títulos de um livro pode figurar como uma espécie de sumário na abertura do livro.

#### **2.4.2. Tema e biografia**

O tema ou “hipótese” (grego: υποθεσις; latim: *argumentum*) era uma espécie de prólogo ou breve introdução ao livro, que trazia ao leitor informações a respeito do autor, do conteúdo e das circunstâncias de composição da obra. A forma e o conteúdo desses gêneros introdutórios se tornaram, no caso dos manuscritos bíblicos, extremamente convencionais e estereotipados. Embora alguns manuscritos atribuam a criação desses gêneros a Eusébio de Cesaréia, escritor cristão do século IV, a maioria deles de fato é anônima e alguns são mais antigos. Tais gêneros refletem uma preocupação de orientar a leitura de outros gêneros, quais sejam, aqueles que constituem o livro propriamente dito. Têm, portanto, um propósito comunicativo relacionado com a orientação do leitor ou ouvinte na compreensão de um dado gênero ou conjunto de gêneros.

De natureza um tanto diferente são as biografias ou “vidas” (βιοι) dos evangelistas, informações biográficas que circulam, nos manuscritos antigos, especialmente os medievais, em conexão com os *temas*. Essas vidas dos evangelistas são atribuídas, em sua origem, a um certo Doroteu de Tiro ou a Sofrônio, patriarca de Jerusalém na primeira metade do século VII.

#### **2.4.3. Sobrescritos e subscritos**

Enquanto nos manuscritos mais antigos do Novo Testamento os títulos e subscrições eram simples e diretos, em manuscritos mais recentes eles tendiam a se tornar prolixos e complexos. Entre as informações fornecidas, era comum indicar local e circunstâncias da produção do manuscrito, bem como, algumas vezes, a identificação do amanuense.

Por exemplo, enquanto o título do livro de Apocalipse, em um manuscrito antigo, diz simplesmente *αποκαλυψις Ιωαννου* (“Revelação de João”), um códice tardio apresenta:

Η αποκαλυψις του πανενδοξου ευαγγελιστου, επιστηθιου φιλου, παρθενου, η γαπημενου τω Χριστω, Ιωαννου του θεολογου, υιου Σαλωμης και Ζεβεδαιου, θετο υ δε υιου της θεοτοκου Μαριας, και υιου βροντης (“A revelação do todo-glorioso evangelista, amigo do peito [de Jesus], virgem, amado por Cristo, João, o teólogo, filho de Salomé e de Zebedeu, mas filho adotivo de Maria, mãe de Deus, e filho do trovão”).

#### **2.4.4. Glosas, escólios, comentários, *catenae* e *onomástica***

As glosas eram breves explicações apostas geralmente à margem dos manuscritos com a finalidade de esclarecer o sentido de palavras ou expressões. Os escólios eram observações interpretativas através das quais um mestre buscava instruir o leitor a respeito do texto do livro. Quando eram apresentadas de forma sistemática, através de toda a obra, essas observações resultavam no que seria chamado de comentário. Escólios e comentários em geral eram colocados à margem do documento ou entre seções de texto. Para fazer a distinção entre o comentário e o texto principal, um manuscrito maiúsculo podia trazer notas em minúsculas; o contrário, embora mais raramente, também podia acontecer.

*Catenae* literalmente são “cadeias” de comentários extraídos de antigas autoridades eclesiásticas, cuja identidade se fornecia através de uma abreviação de seu nome antes dos comentários. *Onomástica* eram recursos filológicos que buscavam fornecer o significado e a etimologia de nomes próprios, freqüentemente lançando mão de explicações arbitrárias e fantasiosas.

### **3. O LIVRO ANTIGO COMO SUPORTE DE GÊNEROS: PRÓLOGOS**

Já em obras muito antigas, percebe-se que o suporte material, especialmente quando se trata de veicular obras mais extensas, tende a agregar outros gêneros, parte dos quais tem a função de apresentar a obra principal ao ouvinte/leitor. Entretanto, cabe observar que isso acontece em função da própria obra, e não do suporte. Para ilustrar o fato, apresento quatro exemplos provenientes de obras e épocas bastante diferentes.

#### *Exemplo 1: Prólogo de “A Epopéia de Gilgamesh”*

Proclamarei ao mundo os feitos de Gilgamesh. Eis o homem para quem todas as coisas eram conhecidas; eis o rei que percorreu as nações do mundo. Ele era sábio, ele viu coisas misteriosas e conheceu segredos. Ele nos trouxe uma história dos dias que antecederam o dilúvio. Partiu numa longa jornada, cansou-se, exauriu-se em trabalhos e, ao retornar, descansou e gravou na pedra toda a sua história.

De origem suméria, a *Epopéia de Gilgamesh* é a mais antiga epopéia conhecida, antecedendo Homero em cerca de dois milênios. No trecho acima, vemos que o poema começa com uma proposição: proclamar “os feitos de

Gilgamesh”. Depois disso, concentra-se na pessoa do herói e numa síntese do conteúdo da obra, expressa de modo particular na sucessão de verbos listada no último enunciado.

O prólogo completo tem mais dois parágrafos, que se dedicam (1) a descrever a aparência de Gilgamesh, concluindo com a afirmativa de que os deuses “o fizeram dois terços deus e um terço homem” (p. 91) e (2) a exaltar a beleza da cidade de Uruk e de suas muralhas, construídas pelo herói. Dessa forma, a epopéia é apresentada ao leitor através de um decidido foco no herói, suas aventuras, sua origem divina e a cidade que construiu.

*Exemplo 2: Prólogo do “Sirácida” ou “Eclesiástico”*

Muitas coisas importantes nos foram transmitidas pela Lei, os Profetas e os que os seguiram; por causa deles, convém exaltar Israel por sua instrução e sua sabedoria. Mas não se deve somente adquirir a ciência pela leitura, pois é preciso também que os amigos do saber possam ser úteis ao que estão fora, tanto pela palavra como pelo escrito.

Eis porque meu avô Jesus, que se tinha entregue acima de tudo à leitura da Lei, dos Profetas e dos outros livros de nossos pais, e que alcançara grande domínio sobre eles, foi levado também a escrever sobre a instrução e a sabedoria. E isto para que aqueles que amam o saber, tendo se familiarizado com esses assuntos, progredam ainda mais a vida segundo a Lei. *Sois portanto convidados a fazer a sua leitura com benevolência e atenção*, e a mostrar indulgência se vos parecer que, apesar de todo o nosso esforço, não conseguimos traduzir bem certas expressões [...]

Foi no ano 38 do reinado do Evergetes que, tendo eu chegado ao Egito e aí permanecendo um pouco, encontrei um exemplar desta importante instrução. Julguei então muito necessário empregar eu mesmo algum esforço e aplicação em traduzir este livro [...]

Este livro bíblico, proveniente do século II a.C., foi originalmente escrito em hebraico e, ao ser traduzido para o grego, em benefício dos judeus residentes no Egito, recebeu o prólogo reproduzido acima, feito pelo neto do autor do livro, este último conhecido pelo nome de “Jesus, filho de Sirac”.

Percebe-se que o autor do prólogo se dedica em alguns momentos a exaltar o valor da obra, combinando isso com uma forte preocupação em explicar as dificuldades do trabalho de tradução. As referências ao original, e mesmo as ressalvas sobre as “divergências consideráveis” próprias da tradução, são uma forma indireta de referendar a obra oferecida numa língua de menor prestígio para o leitor hebreu. Em destaque, o convite explícito dirigido ao leitor.

*Exemplo 3: Prólogo do Evangelho de Lucas*

*Est quidem Lucas Antiochensis Syrus, arte medicus. ut eius scripta indicant, Greci sermonis non ignarus fuit. discipulus apostolorum, postea vero Paulum secutus est usque ad confessionem eius, serviens domino sine crimine, nam neque uxorem unquam habuit, neque filios procreavit. LXXXVIII annorum obiit in Boeotia, plenus spiritu sancto. cui igitur cum iam descripta essent evangelia, per Mattheum quidem in Iudaea, per Marcum autem in Italia, sancto instigatus spiritu in Achaiae partibus hoc descripsit evangelium, quod non tantum ab apostolo didicerat, qui cum domino in carne non fuit, sed a ceteris apostolis magis, qui cum domino fuerunt, significans etiam ipse per principium ante suum alia esse descripta, sed et sibi maximam necessitatem incumbere Graecis fidelibus cum summa diligentia omnem dispositionem in narratione sua exponere, ne Iudaicis fabulis adtentis in solo legis desiderio tenerentur, nevel hereticis fabulis et stultis sollicitationibus seducti excederent a veritate, elaboraret. itaque perquam necessariam statim in principio sumpsit a Iohannis nativitate, quae est initium evangelii, praemissus domini nostri Iesu Christi, et fuit socius ad perfectionem populi, item inductionem baptismi, atque passionis socius. cuius profecto dispositionis exempli meminit Zacharias propheta, unus ex duodecim. et tamen postremo scripsit idem Lucas actus apostolorum; postmodum Iohannes evangelista descripsit primum apocalypsin in insula Pathmos, deinde evangelium in Asia.*

Este prólogo, proveniente do final do século II, faz parte de um conjunto nomeado como *prologi vetustissimi*, também chamados de “prólogos anti-marcionitas”, por manifestar uma preocupação apologética, dirigida contra formas do cristianismo antigo tidas como “heréticas” (no caso, contra Marcião, condenado como herege em Roma na metade do século II).

O foco do texto, neste caso, é o autor (Lucas era um médico nascido em Antioquia da Síria), o propósito (evitar que os cristãos não-judeus fossem seduzidos por “fábulas” judaicas ou heréticas) e as circunstâncias em que escreveu (“instigado pelo Espírito Santo”, oferece uma terceira versão do evangelho, sucedendo a “Mateus na Judéia” e a “Marcos na Itália”, na qualidade de seguidor de Paulo e outros apóstolos).

A conclusão do prólogo destaca ainda que Lucas mais tarde escreveu *Atos dos Apóstolos*, assim como João escreveu o *Apocalipse* e o *Evangelho de João*. Assim, entre os propósitos comunicativos do prólogo, temos a apologia dos escritos evangélicos bem como dos diversos autores, especialmente, neste caso, Lucas.

*Exemplo 4: Prólogo de Legenda Maior (Vida de São Francisco de Assis)*

*1. A graça de Deus nosso Salvador manifestou-se nos últimos tempos em seu servo Francisco a todos os verdadeiros amantes da humildade e da santa pobreza. Nele podemos contemplar a superabundante misericórdia divina, ao mesmo tempo*

que somos incitados a renunciar à impiedade e à concupiscência deste mundo, experimentando com insaciável desejo uma sede de viver em conformidade com Cristo e com a santa esperança. Verdaderamente pobre [...]

3. *Reconheço-me indigno e incapaz de escrever a vida de um homem que merece ser imitado e venerado por todos*, e jamais teria ousado tal empresa, não fosse o afetuoso desejo dos irmãos e a unânime insistência do capítulo geral. Além disso, tenho uma dívida de gratidão para com meu Pai Francisco [...] Por essa razão, *resolvi empreender este trabalho de reunir a coletânea mais completa possível dos relatos de suas virtudes, atos e palavras*, fragmentos hoje dispersos ou esquecidos e que haveriam de perecer, infelizmente, se viessem a morrer aqueles que conviveram com o servo de Deus.

4. Desejando ter plena certeza da verdade de sua vida e uma visão bem clara a respeito dela, antes de deixá-la por escrito à posteridade, *dirigi-me à terra natal e aos lugares em que ele viveu e morreu*. Pude aí encontrar-me com alguns de seus amigos mais achegados que ainda viviam e entrevistá-los demoradamente, sobretudo aqueles que tiveram experiência de primeira mão de sua santidade e que procuraram imitá-lo [...] *resolvi evitar o estilo literário afetado*, pois ao leitor devoto aproveita mais a palavra simples do que a eloquência rebuscada. *A história nem sempre segue a ordem cronológica dos fatos* [...]

5. *O início, o desenvolvimento e o fim de sua vida são descritos aqui em quinze capítulos distintos*, distribuídos da seguinte forma: Sua vida no mundo - Sua conversão definitiva [...]

A *Legenda Maior* provém do século XIII e constitui uma espécie de biografia autorizada de São Francisco de Assis, especificamente no gênero hagiografia. No parágrafo 1, anuncia-se o tópico central da obra, Francisco e a graça de Deus que se manifestou nele. No parágrafo 2, o autor São Boaventura apresenta os motivos que o levaram a produzir a obra, ressaltando educadamente a sua incapacidade para a tarefa. O parágrafo 4 ressalta a metodologia de coleta de informações, a opção estilística e a ordenação do material. Por último, o parágrafo 5 descreve a organização da obra em quinze capítulos, cujos títulos são mencionados um por um.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta breve incursão pelos caminhos da produção de livros na antiguidade ilustra, de forma clara, a distância existente entre os livros antigos e os de hoje, do ponto de vista da organização física do texto.

A gradual inserção, com o passar do tempo, de diversificadas formas de ajuda ao leitor aponta para a necessidade, também no livro antigo, de introduzir o gênero ou gêneros principais de uma obra ao seu respectivo público. Esses gêneros, que vão gradualmente surgindo colados a outros gêneros, estarão



presumivelmente na origem de artefatos genéricos hoje bastante conhecidos e encarados com toda naturalidade, quando não esperados em conexão com estratégias de diversos tipos, que variarão desde a apresentação crítica de uma obra até a sua promoção especificamente comercial.

Por outro lado, os poucos exemplos apresentados neste trabalho revelam que os gêneros introdutórios desde muito tempo existiam atrelados às obras na forma de prefácios ou prólogos que se concentravam ora na obra, ora no autor, de modo a dotar o leitor/ouvinte de informações consideradas relevantes. No plano retórico, percebe-se que esses prólogos cumprem propósitos comunicativos relativamente semelhantes, organizados em torno do propósito geral de apresentar ou introduzir a obra ao leitor/ouvinte, seja ela literária, filosófica, teológica ou outra. As especificidades disciplinares não invalidam esse propósito central.

Parece claro, também, que as mudanças historicamente verificadas na constituição e circulação social dos suportes trouxeram e trazem implicações para a configuração dos respectivos gêneros, e vice-versa. É o caso particularmente do livro como um dos principais e mais utilizados suportes da escrita. Em vista disso, esperamos ter contribuído, neste trabalho, para uma percepção mais clara do papel cumprido pelo livro como suporte de gêneros.

Por outro lado, sugerimos ainda que o suporte como tal representa um dos aspectos importantes a considerar e desenvolver em toda e qualquer pesquisa de gêneros textuais. Investigações empíricas de diversificada natureza deverão ampliar e também corrigir continuamente nossa percepção teórica atual sobre o lugar dos suportes na constituição, identificação, nomeação e uso dos gêneros no interior das mais variadas práticas sociais, ao lado dos aspectos já costumeiramente levados em conta.

## REFERÊNCIAS

A EPOPÉIA DE GILGAMESH. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ALAND, Kurt (Ed.). **Synopsis quattuor evangeliorum: locis parallelis evangeliorum apocryphorum et patrum adhibitibus** edidit. 13. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990.

BEZERRA, Benedito Gomes. Livro didático e livro acadêmico como suportes de gêneros textuais. Comunicação apresentada no II Encontro Nacional de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino (ECLAE). João Pessoa: UFPB. 2003. Inédito.

\_\_\_\_\_. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos.** 2006. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

\_\_\_\_\_. Do manuscrito ao texto impresso: investigando o suporte. In: CAVALCANTE, Mônica M. et al. (Org.). **Texto e discurso sob múltiplos olhares: gêneros e seqüências textuais.** v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 9-37.

BHATIA, Vijay K. **Worlds of written discourse: a genre-based view.** London: Continuum, 2004.

BOAVENTURA, São. **Legenda maior e legenda menor: vida de São Francisco de Assis.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1979.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita.** São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

CHRISTIN, Anne-Marie. Da imagem à escrita. In: SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia (Org.). **A historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto.** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa/Vieira e Lent, 2004. p. 279-292.

CLÉMENT, Jean. Do livro ao texto: as implicações intelectuais da edição eletrônica. In: SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia (Org.). **A historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto.** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa/Vieira e Lent, 2004. p. 28-35.

FRAENKEL, Béatrice. Suporte de escritura. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (Org.). **Dicionário de análise do discurso.** São Paulo: Contexto, 2004. p. 461-462.

GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. **A Bíblia como literatura: uma introdução.** São Paulo: Loyola, 1993.

KRESS, Gunther; JEWITT, Carey (Ed). **Multimodal literacy.** New York: Peter Lang, 2003. p. 1-18.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV: Língua, Lingüística e Literatura,** João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40, 2003.

METZGER, Bruce M. **The text of the New Testament:** its transmission, corruption, and restoration. 2. ed. New York/Oxford: Oxford University Press, 1968a.

\_\_\_\_\_. When did scribes begin to use writing desks? In: METZGER, Bruce M. **Historical and literary studies:** pagan, Jewish, and Christian. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1968b. p. 123-137.

MORRISON, Ken. Estabelecendo o texto: a institucionalização do conhecimento por meio das formas históricas e filosóficas de argumentação. In: BOTTÉRO, Jean et al. **Cultura, pensamento e escrita.** São Paulo: Ática, 1995. p. 141-200.

SIRÁCIDA. In: **A Bíblia:** Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Paulinas: Loyola, 1995. p. 1127-1177.